

# O (ANTI)MACHISMO NOS ROMANCES DE ERICO VERISSIMO

FORGETFULNESS AND ANTIMACHISM IN THE NOVELS OF ERICO VERISSIMO

Maria Cristina Ferreira dos Santos<sup>40</sup>

**RESUMO:** Este artigo enfatiza o viés antimachista da produção romanesca de Erico Verissimo, partindo da discussão do esquecimento travada por diversas personagens. Através desse tema, o autor equipara figuras femininas e masculinas, e muitas delas criam verdadeiras letotécnicas, maneiras de discutir, metodizar e alcançar o olvido. Como pressupostos teóricos, são utilizados conceitos de Harald Weinrich e Sigmund Freud, bem como a fortuna crítica que trata do machismo nas obras de Erico Verissimo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Erico Verissimo; Antimachismo; Esquecimento; Romances.

**ABSTRACT:** This article gives emphasis to the antimachist plea in Erico Verissimo's novel production, departing from a discussion of forgetfulness by several characters. Through this theme, the author equates feminine and masculine figures, and many of them create true letotechniques, ways to discuss, to methodize and to reach oblivion. As theoretical background, concepts of Harald Weinrich and Sigmund Freud are used, as well as the critical fortune that deals with chauvinism in the works of Erico Verissimo.

**KEY WORDS:** Erico Verissimo; Antichauvinism; Forgetfulness; Novels.

## 1. INTRODUÇÃO

Quando lemos os romances de Erico Verissimo, a saber - *Clarissa*, *Caminhos cruzados*, *Música ao longe*, *Um lugar ao sol*, *Olhai os lírios do campo*, *Saga*, *O resto é silêncio*, *Noite*, *O tempo e o vento*, *O senhor embaixador*, *O prisioneiro* e *Incidente em Antares* – percebemos que há inúmeros assuntos propícios para análise e crítica. São os mais variados, como a questão social, a influência da cidade na vida das personagens, o engajamento do escritor, a liberdade, a historicidade, o processo de criação literária, a autobiografia, a evolução do escritor ao longo de suas narrativas, os intertextos presentes em

---

<sup>40</sup> Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [ymaria1@hotmail.com](mailto:y maria1@hotmail.com)

suas obras, entre tantos outros, todos objetos de múltiplos trabalhos acadêmicos. Entretanto, alguns temas carecem de estudos aprofundados, como, por exemplo, o esquecimento, tão citado pelas personagens, sendo discutido, de distintas maneiras, em todas as suas obras, o qual não tem sido tema de nenhum artigo científico, dissertação ou tese<sup>41</sup>. Quando se relaciona o olvido com o (anti) machismo, um dos temas mais apreciáveis de Erico Verissimo, a análise é inédita.

## 2. A FEMINILIDADE NAS OBRAS DE ERICO VERISSIMO

O autor iniciou sua carreira literária com um romance cuja personagem principal é uma adolescente, ressaltando sua feminilidade, inocência e suas ideias, diferindo, dessa forma, de uma tradição, especialmente em seu estado natal, de valorizar a masculinidade dos heróis gaúchos. Aliás, segundo Tristão de Athayde (1980), em seu ensaio intitulado *Erico Verissimo e o antimachismo*, o caráter heroico de um homem ou de uma personagem era questão *sine qua non* do machismo. Segundo ele, Erico sempre seguiu em direção oposta, pois, ademais de criar mulheres independentes, mesmo quando trata de suas personagens masculinas, elas são quase que todas anti-heróis, se seguirmos o raciocínio de uma tradição em que os homens são inabaláveis:

Aliás, pela sua psicologia pessoal e pelo testemunho do seu romancista, não é ele um fruto do nosso tempo, nem do vínculo a qualquer grupo ou escola moderna.[...] Quando o nosso romance moderno, em 1932, já passara por duas grandes mutações profundas, a *estilística* e a *social*, a primeira com *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, e a segunda com os nordestinos José Américo, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego ou Jorge Amado, - lá no Rio Grande do Sul, de tradições épicas e psicologia varonil, Erico Verissimo lançava *Clarissa*, não como uma *Capitu*, mas como uma

---

<sup>41</sup> Pesquisa nos bancos de teses e dissertações da CAPES e de várias universidades, assim como na fortuna crítica de Erico Verissimo, presente no ALEV/IMS/RJ, revela que o tema ainda não recebeu a atenção da crítica.

Iracema, não como uma Lolita, mas como a prima Joaninha que Jacinto ia encontrar em Tormes, para se despir do seu parisiense mimetista e se regenerar pela volta à terra e à simplicidade nativa. (ATHAYDE, 1980, p.87).

Em seu segundo romance, *Caminhos cruzados* (2005), as mulheres estão no mesmo patamar de importância dos homens, como Virgínia, mãe de um rapaz de vinte e poucos anos que, tradicionalmente e dentro de contexto da década de trinta do século vinte, seria uma mulher submissa. Ao contrário, é independente e ativa. É nesta obra que aparece pela primeira vez Fernanda, a personagem que demonstra a inversão de papéis tradicionais esperados de um casal, pois é ela quem paga as contas, que se preocupa com as despesas e com o futuro da família, e seu marido Noel, por sua vez, se recolhe no seu mundo interior. Essas atitudes, porém, não valorizam a covardia, ou o dualismo macho x fêmea, ou uma inversão exacerbada, mas mostram, segundo Tristão de Athayde (1980), que:

Ser homem é infinitamente mais do que ser macho ou fêmea, homem ou mulher. Daí serem o machismo e o efeminamento que ocupam lugar tão importante na obra de Erico Verissimo, deturpações semelhantes do verdadeiro humanismo, segundo uma hierarquia de valores em que o bem vale mais do que o mal, a paz do que a guerra, a humildade que a insolência, a arte que o artifício, a autenticidade que o mimetismo, a naturalidade que a ênfase. Em suma, a contradição humana bissexuada, em sua miséria e em sua grandeza, infinitamente maior que o machismo, em sua tola vaidade viril (ATHAYDE, 1980, p.94-95).

Há, em *Caminhos cruzados*, outras personagens do sexo feminino dignas de nota, a demonstrar que a dualidade machismo x feminismo não tem lugar nas obras de Erico Verissimo. É o caso de Chinita, que tem um *affair* homossexual e desrespeita a tradição de se casar virgem, ou de Vera, que tem a audácia de seguir seus instintos e seduzir Chinita.

Em *Música ao longe* (2005), Clarissa, que está mais madura e apaixonada por seu primo Vasco, tem de enfrentar os problemas financeiros de sua família, que outrora foi de uma estirpe de latifundiários. Seu contato mais próximo com Vasco faz com que ela desenvolva pensamentos mais complexos sobre a situação social, sobre o tradicionalismo belicista, além de ter de sustentar sua casa com seu ordenado de professora, algo quase inadmissível para a época em que o romance foi escrito e publicado. Erico Verissimo, neste romance, dá voz à uma menina em flor, de quem podemos acompanhar o amadurecimento físico e, principalmente, psicológico. À medida que se torna mais complexa, Clarissa torna as outras personagens mais instigantes através de seu olhar, como Vasco, que reaparecerá em *Um lugar ao sol* (2000) e *Saga* (1987). O jovem é uma das personagens mais interessantes ao se tratar de antimachismo, pois ele mesmo se constrói como ser dialético, portando características ora ativas, ora líricas.

Vasco representa a dualidade humana, em que se mesclam e alternam o lado masculino e feminino, assim como ocorre em *Olhai os lírios do campo*, com a personagem Eugênio. Este não é inquieto como Vasco, mas não deixa de ser complexo, em contraste com a mulher amada, Olívia, muito semelhante à brava Fernanda em suas características de mulher decidida, independente, e dona de suas ideias.

Em *Um lugar ao sol* (2000), Clarissa retorna adulta e determinada. Após a morte do pai e a falência da família, tem de enfrentar a vida na cidade grande e continuar sustentando a casa até que seu primo consiga emprego. Aprende muito com os diálogos que trava com ele e com sua amiga Fernanda. Esta última é resiliente e tem iniciativa, assim como Clarissa, ao passo que Noel, marido de Fernanda, deixa transparecer seu lado feminino, semelhante a Amaro, pianista solteirão, que nutre um amor platônico por Clarissa e leva uma vida acomodada. Vasco parece ser a junção de todos eles, sendo forte, ativo e determinado, mas, entretantes, altamente sensível aos problemas humanos e contrário a toda segregação.

Em *O resto é silêncio* (1995), também encontramos mulheres tenazes que têm defeitos e fraquezas, como Marina, por exemplo, infelicitada no casamento e pela morte da filha, ou Tilda, com seu complexo de inferioridade devido ao seu nariz assimétrico.

Marcelo, nesse romance, é uma das personagens mais adequadas para exemplificar o viés antimachista da novelística de Erico, na medida em que tem consciência do absurdo de uma tradição que venera “machões”, os quais traem as mulheres, são brutos e incosequentes. Extremamente religioso, tem repugnância do irmão, Aristides Barreiro, e de seu pai, Quim Barreiro, pois ambos se enquadram nesse padrão de homem:

Qualquer gesto que fizesse no sentido de se aproximar espiritualmente do pai – achara ele durante muito tempo – valeria por uma traição à memória da mãe. Não podia nem queria esquecer o quanto ela sofrera em silêncio por causa daquele marido rude, autoritário e egoísta, que muitas vezes chegara a trazer amantes para dentro da própria casa (VERISSIMO, 1995, p.94).

Por isso Marcelo define, repelindo o pensamento, as palavras marido e mulher da seguinte maneira:

Marido: o macho; o que manda; o que vai para a guerra; o que anda atrás das outras mulheres; o que cheira a sarro de cigarro e suor; o que escarra no chão; o que fala alto.

Mulher: a que sofre, obedece, cala e espera chorando; a que faz pão e tem filhos; a que nunca sorri (VERISSIMO, 1995, p.95).

Mais uma vez Erico funde, em uma só personagem, o paradoxo que é o ser humano, reunindo características femininas e masculinas e, mormente, sabendo criticar uma tradição.

A trilogia *O tempo e o vento* parece ser uma homenagem às mulheres que, silenciosamente fizeram a História do Rio Grande do Sul e do Brasil e que, por

muito tempo, foram esquecidas. Segundo Flávio Aguiar (1999), em seu ensaio *Mulheres de Erico*:

Já se tornou lugar comum dizer que as personagens femininas de Erico Verissimo, em particular em se tratando de *O tempo e o vento*, são muito mais interessantes que os personagens masculinos. Isso não só porque deem impressão de mais consistência, mais tenacidade e de maior complexidade psicológica. Também se lê por aí a maior simpatia e empatia que o escritor revelou por e com elas, maior identificação com seus valores, e mesmo, vez por outra, maior empenho na sua elaboração (AGUIAR, 1999, p. 99).

Nesta obra, encontramos Ana Terra, Bibiana, Maria Valéria, Luzia, Toni Weber, Bibi, Flora, Silvia, Sônia, todas personagens femininas que, à sua maneira, determinam a narrativa e reafirmam a ideia de que o machismo é um absurdo.

Ao pesquisar no Acervo Literário de Erico Verissimo, que está situado no Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, encontrei um depoimento de Erico Verissimo de 1974, que não foi publicado, intitulado *Machismo*, no qual ele reitera as ideias que muitas vezes ficam subentendidas em seus romances, ou seja, de que o ser humano é um paradoxo entre masculino e feminino e de que o verdadeiro heroísmo é assexuado e silencioso, estando presente também nos pequenos gestos do cotidiano, e não necessitando de atitudes exacerbadas:

Já li e ouvi dizer que nos meus romances, que formam a trilogia intitulada *O tempo e o vento*, procurei justificar e/ou glorificar o machismo. Nada mais errado. Minha intenção foi outra, e muito mais complexa! Tipos como o Cap. Rodrigo existiram e talvez ainda existam, embora em menor número, hoje em dia. Tinham o seu pitoresco e suas boas qualidades, ao par de suas preocupações com a machidão (Existe esta palavra?). O que o leitor encontrará nesses meus livros em maior número é o homem do Rio Grande que tem a “coragem silenciosa”, varões que jamais sentem a necessidade de provar que são homens. Secos, reservados, detestam os gestos e as frases teatrais. E que dizer da galeria das mulheres da referida trilogia? Essas são as grandes figuras heroicas de *O tempo e o vento* – modelos de coragem no dia-a-dia, constituíram o chão e o repouso dos guerreiros, foram o elemento vertical na povoação do Rio Grande do Sul. Ana Terra um dia apanhou uma arma de fogo e abateu um

índio que se debruçava com “malas intenciones” sobre o berço de seu filho. O selvagem baqueou morto, mas Ana não gostava que lhe lembrassem essa passagem de sua vida (ALEV 01i0110-1974).

Mesmo Rodrigo Cambará, mencionado como um representante do “gauchismo machista”, não deixa de ter seu lado feminino. O Cap. Rodrigo de *O continente* é romântico quando se apaixona por Bibiana, e seu neto, o Dr. Rodrigo de *O retrato*, por sua vez, apesar de ousado e mulherengo, de gostar de beber e pelear, características que contribuem para designar um machista, também tem seus momentos de humanidade. Não é inabalável como a tradição espera dos “heróis”, como quando morre sua filha predileta e ele se desconcerta, ou quando percebe que seu filho Floriano não o venera, entre tantos outros episódios.

Em *O senhor embaixador* (1973), a personagem principal, Gabriel Heliodoro, que aparentemente é machão, valente, imbatível e mulherengo, também tem seus momentos de fraqueza e tristeza. Pablo Ortega, filho rebelde da aristocracia rural de Sacramento, é sensível, cultiva as artes, é pintor e escreve haicais, mas não foge ao engajamento político, auxilia seu mentor intelectual a deixar o país e opta por unir-se aos guerrilheiros que pretendem derrubar o regime ditatorial vigente e acabam por erigir um outro. As mulheres dessa narrativa também são complexas, como a secretária da embaixada, Claire Ogilvy, a qual é mais astuta que todos os outros membros diplomáticos. Glenda Doremus, a doutoranda que procura Pablo para entrevistá-lo, por exemplo, é preconceituosa, mas tenta ser independente numa sociedade patriarcal, fugindo do estereótipo de mulher que se esperava da época e do contexto da obra.

### 3. O ESQUECIMENTO E AS PERSONAGENS

Em todos os romances de Erico Verissimo, através de suas personagens, femininas e masculinas, há uma discussão sobre o esquecimento, ou seja, ora eles desejam olvidar fatos e pessoas indesejáveis, ora refletem sobre o caráter involuntário do esquecimento, ora comentam ser impossível olvidar determinada situação, ou descrevem o esquecimento imposto, forçado, ou, ainda, tratam da morte, suprema forma de esquecimento.

Fazendo a exegese de sua produção romanesca de forma diacrônica, e tomando como premissa o esquecimento como refúgio, a saber, quando uma personagem aspira ao olvido e, não o logrando involuntariamente, busca artifícios para se distrair e esquecer, como a leitura, a escrita, a embriaguês, o sono, entre outros, percebemos que a grande maioria das personagens que o fazem são homens. Vinte e quatro personagens masculinas buscam um refúgio para o esquecimento, enquanto apenas seis mulheres o almejam.

Harold Weinrich (2011), em *Lete: arte e crítica do esquecimento*, faz a descrição de diversas obras em que o esquecimento é um tema importante, desde a *Odisseia* até a contemporaneidade, abarcando narrativas, romances, mitos, poemas, trilogias, epopeias, biografias. Ele trata dos tipos de olvido, como a amnésia, por exemplo, e cunha o termo letotécnica, que ocorre quando uma obra traz no centro de sua discussão o esquecimento e suas consequências para a narrativa e para as personagens. Ele menciona os principais filósofos que trataram do tema, como Friedrich Nietzsche, ou o psicanalista Sigmund Freud, em cujos escritos se ressalta o lado positivo do olvido.

Uma conclusão a que Weinrich chega em sua análise é que nas obras que tratam da arte do esquecimento, em que ele é metódico e discutido, a grande maioria das personagens são homens:



Lete é uma deusa, mas não reina sobre a literatura feminina. Isso é um fato e fenômeno da história cultural do esquecimento, que precisa de uma interpretação na história da cultura. Não me atrevo a decidir em que medida é lamentável, enquanto essas páginas brancas da ciência letéica não forem bem escritas, o que certamente no futuro acontecerá (WEINRICH, 2001, p.128).

Erico Verissimo é valorizado pelos críticos literários, entre inúmeros outros aspectos, pelas suas personagens femininas fortes e complexas. Em nossa análise das personagens que desenvolvem uma espécie de letotécnica, que discutem e almejam o esquecimento, usando de diferentes táticas de refúgio para isso, nota-se que a maioria são masculinas.

Ao longo dos romances de Verissimo, as personagens que usam a leitura como refúgio para esquecer contratempos, ao total são quatro homens, a saber, Noel, Tônio Santiago, João Benévolo e Padre Gerônimo, ao passo que apenas uma é feminina, Clarissa.

Noel é escritor, assim como Tônio Santiago, ao passo que João Benévolo é grande amante da leitura, semelhante ao padre Gerônimo, Clarissa, por sua vez, lê seu poeta preferido, desejando conhecê-lo. Todos leem para fugir à realidade em que se encontram.

Quanto à escrita como refúgio para lembranças amargas, Noel, Vasco, Tônio Santiago e Pablo Ortega a usam, porém não há personagens femininas que se dediquem a esta atividade para olvidar, salvo Sílvia, que escreve para compreender a si mesma e abandonar seu amor por Floriano. Pensar no ser amado para fugir a situações de crise acontece com cinco homens – Noel, Vasco, Eugênio, o tenente de *O prisioneiro* e Floriano --, mas se limita a duas mulheres, Fernanda e Lu.

Dormir para afastar memórias doloridas ocorre com Rodrigo, Vasco, João Benévolo, Noel, Eugênio, o tenente e o desconhecido de *Noite*, ou seja, por

sete personagens masculinas, enquanto que três femininas optam por este refúgio – Maria Valéria, Clarissa e Ana Terra.

Embriagar-se para se distrair de lembranças avassaladoras é escolhido pelo Dr. Winter, Xexé e o Rodrigo de *O retrato*, enquanto trabalhar é opção mais feminina, sendo praticada por Ana Terra e Bibiana, e apenas por um homem, João de Deus.

Ouvir música como artifício para apagar lembranças, assim como dormir, escrever, ler e pensar no ser amado, é um recurso que se repete nos romances de Erico Verissimo, curiosamente praticado apenas por homens, como Amaro, Marcelo, Vasco, Lustosa, Pedro Missioneiro, Rodrigo e Noel. As caminhadas não são tão presentes como as atividades anteriores, mas também são reservadas somente às personagens masculinas, ou seja, Pedro Terra, João Benévolo e Vasco. Assim como a boemia, frequentar bares e boates para evitar pensamentos e lembranças hostis também é uma opção masculina, das personagens Rodrigo, Vasco e do Conde Oskar.

Outras atividades escolhidas na tentativa de espantar lembranças, e não tão recorrentes como as supramencionadas, pois se limitam à apenas uma personagem, são a violência, praticada por João de Deus, a alimentação, usada por Coronel Aristides, ir à praia, opção do conde Oskar, pensar no dinheiro, hábito de Eugênio, assoviar, ação de Fandango e João Benévolo, barbear-se, prática de Aristides, ir ao cinema, escolha de Juca, apelar a Deus, Marcelo, esgaravatar o nariz, Juca, ir para outra cidade, Carl Winter, voar de tico-tico, *hobby* de Eduardo, ir para a guerra, ato de Rodrigo. Conforme visto, o desejo de esquecer e de encontrar maneiras de conseguir esse intuito é uma tendência mais enfatizada nas personagens masculinas dos romances de Erico.

Certas personagens usam a alimentação como processo mnemônico, como a tão famosa passagem das *madeleines* de Proust, que acionam toda a carga memorialística da obra *Em busca do tempo perdido*. Mas, em alguns casos,

servem como refúgio para o esquecimento. É notório que o ato de alimentar-se sempre esteve associado ao prazer, então não surpreende que seja utilizado como um artifício para olvidar certos fatos ou pessoas desagradáveis, como é o caso do coronel de *Caminhos cruzados*:

Chegam novos pratos. A feijoada e o assado criam um ambiente de paraíso para o coronel. Ele esquece tudo e é com uma alegria quase infantil que trincha a carne tostada e succulenta. Mas d. Maria Luísa se sentiria supinamente infeliz se não tivesse motivos para ser infeliz. Por isso ruma todo o seu ressentimento, recorda, compara, imagina... (VERISSIMO, 2005, p.46).

Aristides, em *O resto é silêncio*, escolhe uma forma insólita para obter a fuga das lembranças. Político corrupto, também tem momentos em que deseja esquecer tudo que o cerca, e talvez seja o que mostra mais criatividade quanto ao seu método de relaxar e olvidar, como vemos abaixo:

Aristides gostava do cheiro de barbearia: perfumes mornos de loções, com uma certa qualidade lubrificante de brilhantina. Sentado na cadeira do Zeca, o seu barbeiro predileto, a cabeça atirada para trás, o corpo quase em posição horizontal, os olhos fechados, ele sentia no rosto a frescura fragrante da espuma de sabão, o rascar agradável da navalha, e nos dedos a pressão morna da mão da manicura, que lhe fazia aquela cocegzinha nas unhas... Era um instante de preguiçoso esquecimento, de confortável calma, de perfumada paz (VERISSIMO, 2008, p.229).

No mesmo romance, há outra personagem masculina bastante complexa quanto ao meio utilizado para se refugiar da carga memorialística, a saber, Juca, que opta por esgaravatar o nariz, além de ir ao cinema com os filhos e encontrar nas telas um momento de paz para sua mente.

Além disso, outros homens, como Rodrigo, Amaro, Marcelo, Eugênio, Vasco, João Benévolo, Carl Winter, Noel e o tenente recorrem, ao longo das

narrativas em que aparecem, a mais de uma atividade na tentativa de esquecerem determinados fatos.

A discussão sobre o esquecimento como refúgio ocorre com mais frequência e com maior complexidade nas personagens masculinas de Erico Verissimo. Porém, isso não atesta que a arte do esquecimento seja privilégio dos homens, como Weinrich encontra na tradição literária:

Se já nos séculos passados era raro uma mulher superar as normas do destino feminino e escrever feito um homem, seria duplamente raro, e até onde sei nunca ocorreu, que mulheres ousassem se afirmar na arte tão precária do esquecer. E como poderiam? Na história, eram elas as que facilmente faziam o papel das esquecidas. Ou, se não fossem inteiramente esquecidas, como Angela, Lucia, Nanette e Marton de Casanova (conhecemos apenas seus nomes, por assim dizer seus apelidos!), como nada escreveram e certamente nem soubessem escrever, só podemos adivinhar seus sentimentos (WEINRICH, 2011, p.127).

Em nossa exegese, nota-se que, nos romances de Erico Verissimo, quando se trata de esquecimento como refúgio, a maioria das personagens que anseiam por ele são masculinas, quatro vezes mais que as femininas. Porém, isso não significa que o autor deixou de dar voz às mulheres, ou que elas sejam inferiores aos homens em suas letotécnicas.

Um exemplo é Marina, que é pouco analisada em trabalhos acadêmicos, pois, geralmente, quando o assunto são as mulheres das narrativas de Erico Verissimo, ou o antimachismo, muitos se dedicam a falar das argutas personagens de *O tempo e o Vento*, como Maria Valéria, Bibiana, Ana Terra, Luzia, ou da destemida Fernanda, de *Um lugar ao sol*.

#### 4. O CASO DE MARINA, DE *O RESTO É SILÊNCIO*

Marina, esposa do músico Bernardo Rezende, tem pensamentos mais complexos que seu marido desde o primeiro parágrafo em que aparece na obra *O resto é silêncio*:

Marina estava debruçada à sacada do Grande Hotel, olhando a praça. Gostava daquela hora. Na sua casa de Botafogo, costumava contemplar as águas da baía todas as tardinhas. Mas no Rio os crepúsculos eram rápidos, a noite como que saltava de súbito detrás das montanhas, cobrindo a cidade. Aqui era diferente. Nunca vira tantas cores num céu... E como era lento o pôr-do-sol do Rio Grande! Pensou em chamar o marido. Achou inútil. Ele não saberia apreciar a beleza daquele instante. Não tinha atenção para coisas que não dissessem respeito à sua carreira artística, à sua glória, ao seu nome (VERISSIMO, 1995, p.43).

Ela é uma personagem infeliz devido à morte da filha única, devido à profissão e estilo de vida do marido, que lhe desagradam e a fazem ser submissa, e devido à sua solidão. Por esses motivos, elabora, ao longo da narrativa, a sua letotécnica, maneiras de esquecer todos esses percalços. O mais terrível é lembrança da filha:

Por cima das árvores da praça, Marina via o rosto da filha, com tão grande nitidez, com tão cálida realidade, que chegou a sentir um estremecimento. Dixinha olhando para ela, escutando... Marina acariciou os próprios braços, num repentino arrepio. Encolheu-se à aproximação dum perigo que ela pressentia no ar, de qualquer coisa horrível que vinha vindo, mas que ela não queria ver. Teve vontade de fugir, apagar todas as memórias, gritar, rir, conversar com alguém, espantar aquelas imagens. Mas ficou onde estava. E, com novo dilaceramento, reviu a cena. Dixinha estendida no caixão, o rosto muito branco, os lábios roxos, o nariz afilado. Santo Deus, como estava alongado o seu corpo! Parecia uma moça. Marina cravou as unhas nas carnes dos braços, fechou os olhos. Por baixo das pálpebras caídas escorriam lágrimas (VERISSIMO, 1995, p. 44).

Marina fuma descontroladamente, ato pouco aceitável para uma mulher da década de quarenta do século vinte, e esse detalhe reitera o fato de Erico

Verissimo equiparar as mulheres aos homens em seus romances. Mais adiante, a personagem deseja se libertar do marido, olvidá-lo:

Marina comia com inesperado apetite. Pensava, com alguma delícia, na tarde livre que ia ter. Sairia sem rumo, procuraria um parque, um jardim, uma praça, um subúrbio... qualquer lugar onde pudesse esquecer as coisas ligadas à arte e à carreira do marido. Um lugar em que ela não fosse “a esposa e a secretária do grande compositor nacional Bernardo Rezende”, mas sim uma simples criatura humana (VERISSIMO, 1995, p.277).

No capítulo vinte e seis de *O resto é silêncio*, que é dedicado inteiramente a ela, e que é intitulado sugestivamente de *Fuga*, Marina busca um refúgio, num parque, para todas as suas lembranças aflitivas:

Marina procurou esquecer o marido e tudo quanto se ligava à sua pessoa, à sua carreira, ao seu nome. Aquela tarde de outono convidava ao esquecimento. Marina queria fugir de si mesma e de suas recordações tristes ou insípidas. Procuraria um jardim tranquilo e cheio de sol. Mas não... Não era indispensável que fosse tranquilo... Podia ser tumultuoso, cheia de crianças barulhentas, duma vida diferente da que ela estava habituada a ver, a sentir, a “sofrer” (VERISSIMO, 2008, p.313).

O fato da tarde de outono “convidar ao esquecimento” corresponde ao princípio do prazer sendo acionado, e a uma letotécnica em ação, pois ela não consegue se livrar do passado e da infelicidade, mas sabe que é humano fugir ao que causa aborrecimentos. Conforme Sigmund Freud (1920), todo ato humano é realizado com o objetivo de buscar prazer. Por isso, uma lembrança dolorosa, ou um trauma, devem ser evitados.

Mais adiante, Marina lembra-se da suicida, e também trata de esquecê-la. A moça que se matou atirando-se de um prédio foi vista por diferentes pessoas, de diversos ângulos, e esse acontecimento norteia toda a narrativa e é o ponto de ligação entre as personagens. Para Marina, a jovem suicida a faz

lembrar-se de sua filha morta, por isso quer repelir sua imagem, pois “Precisava fugir. Fugir de si mesma, de suas memórias. Disfarçar-se... ser por algumas horas outra pessoa, ter a ilusão de que a vida para ela começava...” (VERISSIMO, 2008, p.315).

Ela se mostra uma personagem complexa, ativa, consciente de que precisa ser mais do que “a esposa”, ciente de que há lembranças que devem ser evitadas. É tão ou mais densa em sua atividade leiteica quanto Vasco, Rodrigo, Noel João Benévolo ou Eugênio.

Durante o desenrolar da narrativa, Marina sente-se sufocada pelas exigências do marido, o qual a trata apenas como uma serviçal, que tem que estar sempre disposta e prontamente atender seus pedidos. Ele é egocêntrico e fútil, dando valor apenas aos holofotes, às matérias de jornal a seu respeito e à sua aparência perante as fãs. Trai a esposa constantemente e ela, por sua vez, não se importa, estando entretida em sua atividade leiteica, tentando se livrar de sua carga memorialística. Marina reflete sobre o marido e seus amigos, se questionando como seres tão fúteis são capazes de produzir música clássica:

Examinou o caso do marido... Talvez nem ele chegasse a amar verdadeiramente a música. Para Bernardo, como para tantos outros, a música era um meio e não um fim. Separada da glória, da popularidade e do sucesso social que pudesse proporcionar, de muito pouco ela valia” (VERISSIMO, 1995, p.112).

Ela é assombrada pelo esquecimento impossível, tenta lograr o olvido, mas não obtém êxito: “Nem a claridade do dia, a alegria da rua e o tom de festa que andava no ar, envolvendo árvores, casas, veículos e pessoas conseguiam fazê-la esquecer” (VERISSIMO, 1995, p.217).

Faz parte de sua letotécnica, de suas táticas para atingir o esquecimento, mentir, fingir que é outra pessoa. Quando consegue uma tarde livre, vai a um

parque e conversa com estranhos, sentindo prazer ao distorcer fatos de sua vida:

- O seu marido está aqui?

- Está sim. – E inventou: - Veio a serviço da firma. É comerciante no Rio.

Sentiu um estranho prazer ao mentir. Era como se criasse para si uma outra personalidade. Como se conseguisse mudar a mentalidade e a personalidade do marido. Imaginou-o burguês, calmo, atencioso, interessado nas coisas simples da vida, um homem sólido, equilibrado e sem vaidades tolas (VERISSIMO, 1995, p.339).

E, na medida em que a atividade leiteica é sempre dialética, ou seja, abarca o esquecer e o lembrar, Marina, ao criar maneiras de olvidar e fugir de suas lembranças, também obtém outras que não quer que se desvançam, como quando passa a tarde com a menina Rita, que se parece com sua filha: “Sentiu que nunca mais ia esquecer aquele momento. A pressão do braço de Rita, os ramos verdes contra o céu azul, as aves imóveis, os gritos das garças... Nunca mais! Fazia tempo que não sentia uma felicidade tão grande, tão perfeita” (VERISSIMO, 1995, p.341).

Outras vezes, usa lembranças para uma desforra contra o marido, como ao rememorar casos embaraçosos do início de sua carreira musical: “Marina então começou a rememorar cenas da vida de Bernardo, com um prazer vingativo e um espírito de sátira. Via Bernardo aos vinte e sete anos, apaixonado pela ópera mas forçado a aceitar a regência da orquestra numa companhia de operetas” (VERISSIMO, 1995, p.357).

Em sua busca de independência do marido e de sua rotina exaustiva, Marina tem sonhos eróticos com outro homem, e isso redundava em querer maltratar Bernardo: “Marina tornou a pensar no homem dos sonhos. E então, por um instante, desejou palidamente o marido não pelo que ele era, mas sim



pelo que esperava que ele fosse. Mas desejou-o com uma mistura de raiva e teve vontade de ofendê-lo, de feri-lo” (VERISSIMO, 1995, p.360).

Além disso, Marina detesta o marido principalmente porque ele e suas músicas a fazem lembrar a filha morta. Toda sua letotécnica é invalidada quando o acompanha a um concerto e a orquestra lhe traz à mente tudo que ela mais almeja olvidar:

O maestro ergueu os braços. A pavana começou, num triste embalo, numa melancolia arrastada, levemente mórbida. A melodia invadiu o teatro... Para o espírito de Marina ela trouxe todo um passado doloroso. Ali onde estava sentada junto da janela do camarim, olhando a noite, a silhueta das casas, as estrelas, as árvores, ela viu Dcinha estendida no caixão, entre quatro círios. Branca como um lírio, imóvel e fria, num sono de gelo. Reviu o próprio desespero; tornou a sentir – palidamente, num reflexo – a sua dor daquele dia... a sensação que dentro de si mesma algo se havia quebrado (VERISSIMO, 1995, p. 381).

Quando Bernardo rege seu último concerto em Porto Alegre, Marina está farta de acompanhá-lo e apenas existir para satisfazê-lo; ela quer agir, quer revolucionar:

Mais uma vez lembrou-se do homem que lhe aparecera em sonhos. Seria uma experiência nova entregar-se a um homem... ao primeiro que encontrasse na rua. Mesmo sem desejo, mesmo com asco. Esse abandono valeria por um protesto, por uma vingança dirigida a Bernardo, contra a vida ou contra si mesma. Poderia dizer depois que alguma coisa havia acontecido. Mariana abandonou-se ao prazer quase mórbido de imaginar coisas definitivas que poderia fazer naquela noite. Atirar-se do alto do viaduto.. entregar o corpo a um desconhecido... entrar na primeira igreja. A morte – Deus – um homem... Por que não? Terminar tudo duma vez para sempre, ou começar tudo de novo... (VERISSIMO, 1995, p.393).

O enredo finaliza deixando as personagens em suspenso; o que se infere é que Marina continua prisioneira das memórias e da rotina do esposo, mesmo tentando libertar-se através de sua letotécnica. Nesse sentido é semelhante a

Eugênio de *Olhai os lírios do campo*, que passou todo o enredo sendo perseguido por lembranças que deseja esquecer.

## 5. EUGÊNIO, O MÉDICO ARREPENDIDO

Na infância e mocidade, Eugênio fora um moço pobre, que tinha vergonha de sua condição, de suas roupas velhas e, especialmente, de seu pai que, sob sua perspectiva, era um homem triste, covarde e inativo. Por isso, faz de tudo para se livrar dessa vida, para isso cursa Medicina, e quem sustenta seus estudos é o pai alfaiate e a mãe lavadeira. Apesar de estar apaixonado por sua colega de classe, Olívia, com quem tem um rápido romance no final da faculdade, abandona-a para casar-se com Eunice Cintra, moça rica, fria e arrogante, por quem não nutre sentimentos amorosos, vendo no casamento apenas uma maneira de ascender socialmente e viver confortavelmente.

Entretanto, sua carga memorialística negativa, ou seja, a culpa por ter sido cruel com seus pais, por ter desprezado seu irmão alcóolatra e o ter forçado a fugir de casa, e o arrependimento por não ter se casado com a mulher que amava, o assolam, perseguindo-o durante toda a narrativa: “Tem aguda consciência dum sentimento aniquilador: a sua covardia, aquela imensa e dolorosa covardia num momento em que devia esquecer tudo e correr para junto de Olívia” (VERISSIMO, 2001, p.17).

O enredo de *Olhai os lírios do campo* não é linear, por isso se imbricam instantes da vida adulta de Eugênio às lembranças de sua infância. Em sua letotécnica, é assombrado por diversos tipos de esquecimento, sendo o impossível um bastante recorrente. Lembra-se constantemente de um episódio no colégio, em que fora vaiado por estar com calças rasgadas: “Mas nunca mais lhe sairia da memória aquela vaia, nem que vivesse mil anos” (VERISSIMO, 2001, p.24).

Outra memória que o atormenta, e que ele não consegue olvidar, é a de seu pai no caixão: “Eugênio não se esquecia da expressão do rosto de Ângelo dentro do caixão. Era como se a dor e a humilhação resignada continuassem ainda na morte. Diante do cadáver ele chorara lágrimas que não eram só de sentimento por aquela perda, mas também de arrependimento, de remorso” (VERISSIMO, 2001, p.84).

No dia de sua formatura, tem seu primeiro envolvimento com Olívia, e, na ocasião, considera-se feliz justamente porque consegue esquecer, momentaneamente, suas recordações sombrias, seus traumas e culpas: “Saiu do quarto da amiga muito tarde. Sentia-se como um homem novo entrando num mundo que amanhecia. De repente como que sua vida se transformava e ele não era mais ele, e sim apenas um ser aéreo sem memória, caminhando na madrugada” (VERISSIMO, 2001, p.110). Não obstante sentir-se um ser sem memória, logo após chegar em casa tem a consciência de que jamais esquecerá a noite de amor com Olívia.

Durante os anos em que fora casado com Eunice, usou de diversas táticas para não pensar no passado, para não acionar seus traumas e culpas: “Os três anos que passara na casa dos Cintras foram como uma esponja embebida em perfume com que ele apagara da memória aquelas imagens desagradáveis” (VERISSIMO, 2001, p.336).

Percebe que a convivência com a esposa e sua família é intolerável, pedindo-lhe o divórcio. Seu ato contínuo é procurar a amiga, encontrando-a na mesma casa em que a vira pela última vez. Ao se encontraram, fica sabendo que ela tivera uma filha sua e que está muito doente. Por isso, convivem pouco tempo, e ela logo falece, deixando-lhe Anamaria, a filha.

Á sua carga memorialística traumática, acrescenta-se mais a lembrança de Olívia morta e a culpa por não ter convivido com a filha. Sua letotécnica continua, agora sendo dialética, na medida em que não quer somente olvidar

todo o passado, mas também manter a lembrança da mulher amada pulsando em sua mente: “Os seus nervos seriam mil vezes postos à prova. A dúvida tornaria a entrar-lhe na alma. Mas Olívia ainda estaria na sua memória para ajudá-lo a vencer todas as crises, até que de novo viessem instantes preciosos como aquele de pura aceitação, de harmonia, de paz” (VERISSIMO, 2001, p.308).

Ao findar o enredo, Eugênio tem medo de esquecer Olívia, e sente-se angustiado por perceber que a filha já não se lembra com nitidez dos traços da mãe. O esquecimento involuntário se faz mais forte que seu desejo de rememoração: “Mas dentro de algum tempo – pressentia ele dolorosamente – ela seria apenas um símbolo, um nome sem corpo, um rosto sem feições” (VERISSIMO, 2001, p.313).

A força do esquecimento impossível fica nítida quando Eugênio se envolve no relacionamento de Dora e Filipe, ele judeu e pobre, ela rica e católica. O namoro dos dois não era aceito pelos pais de ambos, por isso se encontravam às escondidas, e ela em pouco tempo engravidou, pedindo a Eugênio que fizesse um aborto. Ele nega, mas é inútil, pois ela o faz com outro médico, e acaba falecendo. Ao saber disso, Eugênio tem medo que o rapaz se suicide, ou seja assassinado pelo pai da moça. Mas seu amigo, o Doutor Seixas, o tranquiliza, dizendo que logo tudo será esquecido, mesmo que não se faça nenhum esforço para isso. Eugênio, por sua vez, pensa em Olívia:

Sim, pensou Eugênio, o tempo cicatriza todas as feridas. Em breve Dora desapareceria da vida de Filipe, de Isabel e de Simão, assim como a própria Olívia havia de desaparecer de sua vida. Era doloroso mas inelutável. E Olívia mesma compreendia isso de maneira profunda e dolorosa quando dizia que a vida começa todos os dias. O mundo seria insuportável se as criaturas tivessem boa memória (VERISSIMO, 2001, p.376).

Ademais, na última página do romance, ao passear com a filha e tentar fazer com que a memória de Olívia se mantivesse intacta, conclui: “Sim, era

doloroso: ele havia esquecido por completo o som da voz dela” (VERISSIMO, 2001, p.394).

O enredo de *Olhai os lírios do campo* termina mostrando que, além da busca do esquecimento que determinou boa parte da letotécnica de Eugênio, o olvido involuntário foi mais forte, mesmo se tratando da mulher amada, que ele jamais desejava esquecer, ao passo que recordações sombrias o perseguem, como a lembrança do pai, do irmão, da ex-esposa e de sua infância miserável.

Eugênio reaparecerá em *Saga*, não como personagem principal, mas como amigo do protagonista Vasco Bruno, e sua letotécnica se estende a essa narrativa. Ele continua sentindo culpa e remorsos, e prossegue em sua luta contra o esquecimento de Olívia. Ao esquecimento involuntário e inexorável soma-se outro aliado no apagamento da imagem da mulher amada: Fernanda, por quem Eugênio está encantado. Ela doara boa parte da herança de seu marido para a construção de um hospital infantil, onde Eugênio trabalha.

Ao conversar com Vasco sobre Fernanda, Eugênio tenta amenizar seu interesse, afirmando que ela é muito parecida com Olívia. Porém, o amigo o adverte: “Você não está procurando se iludir?” (VERISSIMO, 1987, p.294).

No último diálogo que Eugênio trava com Vasco, numa atividade catártica, conta-lhe todo o passado infeliz, e fala-lhe da vontade de ocultar o pretérito e as lembranças dolorosas, pois não obteve êxito nesse intuito: “A gente nunca se livra do passado, em vão quer recomeçar uma vida nova e decente. Mas o passado não nos deixa, é como se vivêssemos cercados de fantasmas” (VERISSIMO, 2001, p.292).

Ao refletir sobre a conversa com Eugênio, Vasco matuta:

Mas eu sinto, eu vejo que Eugênio não encontrou a sonhada tranquilidade. Está apenas procurando iludir-se. Atordoa-se de trabalho, julga encontrar na certeza de estar fazendo o que Olívia quisera que ele fizesse, uma fonte de alegria e serenidade. Mas Olívia

é um fantasma. E ele tem trinta e três anos e um corpo acicatado de desejos” (VERISSIMO, 2001, p.307).

Mais adiante, Vasco, que também faz sua letotécnica ao longo da narrativa, tentando esquecer os horrores da Guerra Civil Espanhola, pensa sobre a tentativa de Eugênio de manter latente a lembrança de Olívia:

Eugênio – eu o sinto há muito tempo – está na órbita de influência de Fernanda e completamente fascinado por ela. Percebo isso nas suas palavras, na maneira como a contempla quando estão juntos. Não sei até onde irá essa adoração. Só sei que para Olívia a luta é desigual. Porque ela está morta. Dela restam estes móveis, alguns objetos, essas cartas que ali estão em cima da mesa e uma lembrança que se vai esmaecendo com o passar do tempo, uma memória a que Eugênio tenta desesperadamente dar cores novas (VERISSIMO, 1987, p.310).

O desfecho da narrativa não traz um “final feliz” para Eugênio, ele não logra esquecer seus traumas, suas culpas e, além disso, vai olvidando de Olívia, ou seja, o esquecimento governa sua vida, tanto em gastar seu tempo buscando refúgios para lembranças amargas, quanto na tentativa de lutar contra o apagamento de memórias doces.

## 6. À GUIA DE CONCLUSÕES

Erico Verissimo, escritor muitas vezes desvalorizado pelos críticos literários e por alguns segmentos da academia, mostra-se, a cada análise, ser atual e complexo. Ao tratarmos do tema do antimachismo, relacionando com as personagens que desejam esquecer, vimos que nada é fortuito em seus romances, cada detalhe serve de base para discussões e, ademais, evidencia uma peculiaridade de sua produção literária, a saber, a de que seus romances se complementam, são um contínuo ininterrupto de significações interligadas, como ocorre, por exemplo, com a personagem Eugênio, que dá continuidade à

sua letotécnica em romance posterior a *Olhai os lírios do campo*, mesmo não sendo protagonista de *Saga*.

Podemos concluir que, apesar de a maioria das personagens que elaboraram maneiras de esquecer são masculinas, Erico não segue a tradição machista de dar voz apenas aos homens, ou reservar a arte do esquecimento a eles, mas coloca suas personagens femininas em discussões tão ou mais acirradas, como constatamos com Marina, pois ela é dialética em sua atividade leteica, ora querendo repelir lembranças amargas, ora aspirando manter a memória da filha viva, odiando sua imagem no caixão e utilizando estratégias para impedir o florescimento desta recordação sombria. É muito semelhante a Eugênio, o qual também tem vários episódios e pessoas de sua vida que almeja olvidar, ao passo que luta contra a anulação da memória de Olívia, sua amada. Ambos, Marina e Eugênio, não atingem seus objetivos, nos desfechos das narrativas que fazem parte. Percebem que continuam sendo perseguidos por suas cargas memorialísticas e, entretanto, não são capazes de manter a lembrança dos seres amados falecidos livres do esquecimento involuntário. Neste aspecto, são governados pelo tempo e pela memória.

Tanto Marina quanto Eugênio, em suas letotécnicas, são surpreendidos pelo esquecimento involuntário, aquele que ocorre inexoravelmente, almejam ao olvido de determinados percalços, buscando refúgios para isso, como trabalhar arduamente ou passear no parque fingindo ser outra pessoa, e ambos refletem sobre a impossibilidade de esquecer alguns fatos ou entes, mesmo que se faça um esforço enorme para isso.

Através da análise de uma personagem feminina e uma masculina, percebemos que, na produção romanesca de Erico Verissimo, a vontade do esquecimento e a discussão sobre suas manifestações se faz presente, de igual maneira e de semelhante importância, no universo das mulheres e dos homens. A humanidade que emana de seus enredos está acima da divisão de gêneros e

demonstra que ambos os sexos têm mazelas para esquecer, e o exímio escritor faz disso uma arte, a letotécnica.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. *Mulheres de Erico*. Via Atlântica, São Paulo, n. 2, p. 98-107. (09ª0438-1999).

ATHAIDE, Tristão de. *Erico Verissimo e o antimachismo*. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O contador de histórias: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 86-102. (09a 0002-1972).

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Imago, 1920.

VERISSIMO, Erico. *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

\_\_\_\_\_. *Clarissa*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2003.

\_\_\_\_\_. *Machismo*. Depoimento de Erico Verissimo 1974. (ALEV 01i0110-1974).

\_\_\_\_\_. *Música ao longe*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Olhai os lírios do campo*. São Paulo: Globo, 2001.

\_\_\_\_\_. *O resto é silêncio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Senhor Embaixador*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

\_\_\_\_\_. *Saga*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

\_\_\_\_\_. *Um lugar ao sol*. 35. ed. São Paulo: Globo, 2000.

WEINRICH, Harold. *Lete: Arte e crítica do esquecimento*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Recebido em 30/03/2018.

Aceito em 21/06/2018.